

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS-UNIS

JORNALISMO

DAYANA MARQUES DA SILVA

DIVERSIDADE NA MÍDIA: a imagem do gay estereotipado

VARGINHA

2018

DAYANA MARQUES DA SILVA

DIVERSIDADE NA MÍDIA: a imagem do gay estereotipado

Trabalho apresentado ao curso de jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel sob orientação da Prof.^a Terezinha Richartz

VARGINHA

2018

DAYANA MARQUES DA SILVA

DIVERSIDADE NA MÍDIA: a imagem do gay estereotipado

Monografia apresentada ao curso de jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas, como pré-requisito para obtenção de grau de bacharel pela banca examinadora:

Aprovado em / /

OBS:

Dedico este trabalho a todos aqueles que contribuíram para sua realização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, meus irmãos e professores, em especialmente a Maria Virginia por ter me ajudado na construção deste trabalho.

“Não existem métodos fáceis
para resolver problemas
difíceis”.

Descartes

RESUMO

Este trabalho aborda a “Diversidade na mídia: a imagem do gay estereotipado”. Tal abordagem se faz necessária porque cada vez mais a homossexualidade está sendo abordada pelos meios de comunicação e esta deve ter uma abordagem com mais seriedade, já que a mídia, no caso a TV, exerce grande influência sobre a sociedade. O objetivo desse estudo é descobrir através de revisão bibliográfica se a mídia tem abordado o assunto com mais naturalidade e explorando menos a imagem do gay estereotipado. Analisando duas novelas exibidas em anos diferentes: “Amor à Vida” exibida em 2013 e “Orgulho e Paixão” exibida em 2018, discorrendo também sobre homossexualidade, sexualidade e gênero para entendermos o papel da Mídia nesse contexto. A pesquisa esclareceu que a mídia vem desenvolvendo este tema desde a década de 1970 e que pequenas mudanças vêm acontecendo desde então. O fato é que a população consome cada vez mais elementos da mídia televisiva, pois ela está presente em tudo e em todos os lugares. O conteúdo que a TV explora é claramente reflexo de uma imagem político-social. Podemos dizer que a identidade de gênero e a sexualidade vêm sendo estudada, notamos um conteúdo mais informativo nos programas exibidos e é exatamente esse esclarecimento que traz as mudanças que percebemos na TV. Essas mudanças fazem com que todos que usam a TV como meio de informação e formação de críticas entendam que o público LGBT merece ser tratado com naturalidade e respeito.

Palavras-chave: Homossexualidade. Gay. Estereotipo. TV. Telenovela.

ABSTRACT

This paper addresses "Diversity in the media: the stereotyped gay image". Such an approach is necessary because increasingly the homosexuality is being approached by the mass media and this one must take an approach with more seriousness, since the media, in the case the TV, exerts great influence on the society. The objective of this study is to discover through bibliographic review if the media has approached the subject more naturally and exploring less the stereotyped gay image. Analyzing two novels exhibited in different years: "Love for Life" in 2013 and "Pride and Passion" presented in 2018, also discussing homosexuality, sexuality and gender to understand the role of Media in this context. The research clarified that the media has been developing this theme since the 1970s and that small changes have been happening since then. The fact is that the population is consuming more and more elements of television media, because it is present in everything and everywhere. The content that the TV explores is clearly a reflection of a politico-social image. We can say that gender identity and sexuality are being studied, we notice a more informative content in the programs shown and it is exactly this clarification that brings the changes that we perceive in the TV. These changes mean that everyone who uses TV as a means of information and criticism understands that LGBT people deserve to be treated with naturalness and respect.

Keywords: Homosexuality. Gay Stereotyped. TV. Soap opera.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 REPRESENTAÇÕES LGBT NAS TELENOVELAS E O INÍCIO DE UMA IDENTIDADE.....	11
2.1 Homossexualidade.....	17
2.2 Sexualidade.....	19
2.3 Identidade de gênero.....	21
2.4 Análise das Novelas.....	25
2.4.1 Núcleo 1: Amor À Vida.....	25
2.4.2 Núcleo 2: Orgulho e Paixão.....	29
3 CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda como a Diversidade é tratada na mídia dando ênfase na imagem do gay (homossexual) e vem mostrar como a TV, mais especificamente as telenovelas abordam a imagem dos gays.

Tal abordagem se justifica porque o assunto Homossexualidade está a cada dia sendo mais abordado pelos meios de comunicação e não pode ser tratado como algo que não existe e deveria ser abordado de forma mais séria e fidedigna, já que a mídia, no caso a TV, exerce grande influência sobre a sociedade e é formadora de opiniões e conceitos, sendo um dos meios de comunicação que mais exerce influencia sobre a sociedade. E para que essa abordagem seja mais fidedigna e séria, deve-se ter mais estudos e proximidade da realidade na hora de representar o homossexual nas telenovelas, e essa proximidade é alcançada principalmente se envolvermos os homossexuais na criação, representação, etc.

É importante ressaltar que este trabalho faz a análise da imagem do homossexual na TV, e mesmo com algumas mudanças o gay ainda é tratado, em alguns casos, de forma estereotipada (com uma imagem ligada a tudo que é negativo e errado), sendo assim o artigo contribui para que a abordagem dos gays na TV seja realizada com mais seriedade e fidelidade, distanciando a imagem marginalizada e estereotipada criada pela sociedade.

O objetivo desse estudo é descobrir se a mídia tem abordado o assunto com mais seriedade e fidelidade, explorando menos a imagem do (homossexual) gay estereotipado por meio da análise de duas Novelas exibidas em anos diferentes: “Amor à Vida” exibida em 2013 e “Orgulho e Paixão” exibida em 2018 (ambas exibidas no horário nobre da TV Globo) discorrendo também sobre os conceitos de homossexualidade, sexualidade e identidade de gênero e principalmente sobre as representações lgbt nas telenovelas e o início de uma identidade para entendermos o papel da Mídia nesse contexto em que o homossexual foi inserido, onde teve sua primeira aparição nas telenovelas.

Este propósito será conseguido através de revisão bibliográfica, analisando se houve alguma mudança em relação à imagem do homossexual nas telenovelas e como essa imagem é explorada.

2. REPRESENTAÇÕES LGBT NAS TELENOVELAS E O INÍCIO DE UMA IDENTIDADE

A telenovela tem apresentado em seu formato contemporâneo uma fecunda discussão dos valores sociais. A crônica do dia a dia é a forma utilizada para problematizar conceitos, criando ou reforçando concepções. Seus enredos motivam debates em casa, na conversa com a vizinha, no trabalho e nas Universidades. A telenovela ultrapassa o entretenimento, pois se oferece como aliada na denúncia à corrupção e à violência doméstica, ajuda pessoas a sair do vício do álcool e das drogas. Seus enredos abrem espaço para a discussão de problemáticas sociais como o racismo, a religião e as relações de gênero. Porém, sua forma de narrá-los se transformou ao longo do tempo junto à evolução da telenovela e da própria televisão, estando intrinsecamente ligada às ideologias dominantes. Exemplo é o trato à homossexualidade que, devido à aspereza com que o tema ainda é tratado socialmente, tem se apresentado sob diversas representações. Nesse sentido, a compreensão do processo histórico e evolutivo da telenovela e das concepções acerca da homossexualidade fornecem instrumentos para traçar um paralelo entre o atual discurso social e a forma como são representados dramaturgicamente. (SOUSA, 2009).

A forma como a mídia explorava e explora a imagem do homossexual na TV evoluiu de forma lenta e ainda estereotipada, podemos notar que o assunto tem um crescimento consideravelmente grande nas telenovelas, mas a forma como esse assunto é tratado é que deixa a desejar, pois distancia muito os homossexuais da realidade que eles realmente vivem.

De acordo com Silva et al (2014) na década de 1970, surgiu o primeiro personagem homossexual na novela trazendo ao ar Rodolfo Augusto, um cabeleireiro interpretado pelo ator Ary Fontoura e marcado por muitos estereótipos.

A primeira telenovela da emissora a conter um personagem homossexual foi Rebu, de Bráulio Pedrosa, exibida de 4 de novembro de 1974 a 11 de maio de 1975. Conrad Mahler (Ziembonski) tinha uma relação com o michê Cauê (Buza Ferraz) e assassina a mulher por quem o namorado se apaixona. Na segunda novela da década de 70 a tratar da temática, o cabeleireiro gay Henri (José Luis Rodi) também foi relacionado com a criminalidade. Ele colaborou com o assassinato de Salamão Hayalla, cometido pelo amigo para com o qual nutria interesses sexuais que o telespectador não soube se eram correspondidos. A representação ocorreu em O astro (de 6 de

dezembro de 1977 a 8 de julho de 1978), de Janete Clair (PERET 2005 apud COLLING 2007).

Também de acordo com Beleli (2009), a visibilidade de gays e lésbicas na mídia muitas das vezes vem marcada por estereótipos que mostram gays afeminados e lésbicas masculinizadas.

Surgiram também os primeiros movimentos e estudos sobre os LGBT's.

A análise da revista *Psychological Abstracts*, da década de 70, revela que o aumento do interesse pelos estereótipos, naquela época, se deveu quase inteiramente aos estudos sobre estereótipos sexuais. Essa revista procurou estudar o gênero, investigando os atributos masculinos e femininos da época. Para isso, analisou os tipos de comportamentos que a sociedade esperava encontrar nos homens e mulheres, ou seja, os estereótipos masculinos e femininos. Esses estereótipos ressaltavam as qualidades consideradas masculinas e patologizavam as qualidades femininas, ocasionando efeitos negativos nas mulheres que não se adequavam ao padrão idealizado. Segundo o estereótipo feminino, as mulheres continuavam sendo submissas, reprodutoras e invisíveis na sociedade. (AMÂNCIO, 2001, citado por OLIVEIRA e KNÖNER, 2005). Amâncio (2001), citado por Oliveira e Knöner (2005), diz também que esses estudos apontam os estereótipos sexuais como um fenômeno generalizado na sociedade americana. Apesar das mudanças obtidas, esses estereótipos ainda permaneciam praticamente inalterados. Os estudos apontavam, também, para os efeitos que os estereótipos causavam na identidade das mulheres, provocando baixa auto-estima, tendência ao insucesso ou ao fracasso. Esses efeitos incluíam, ainda, a patologia, porque o modelo ideal de adulto mentalmente equilibrado era baseado no estereótipo masculino, aos quais as mulheres recorriam para se autodescrever. A tentativa, expressa pelo feminismo, de ultrapassar a opressão feminina, impulsionou estudos sobre as causas das desigualdades sociais baseadas nas diferenças de sexo/gênero, bem como das formas de melhor combater essas desigualdades. Como consequência, diferentes disciplinas sentiram o efeito desses estudos em seu domínio de conhecimento, entre elas a sociologia, a antropologia e a psicologia. (NOGUEIRA, 2001 apud PRAUN, 2011).

De acordo com Silva et al (2014), é a partir da década de 1980 que gays e lésbicas começaram a aparecer com mais intensidade nas novelas da Globo, provocando muita polêmica e muita audiência, mas esta imagem ainda vinha de forma estereotipada.

Ao todo, foram nove telenovelas com personagens homossexuais na década de 80 exibidas pela TV Globo. Em Ciranda

de Pedra (exibida de 18 de maio a 14 de novembro de 1981), de Teixeira Filho, Letícia (Mônica Torres) era uma feminista que se vestia e comportava como homem. Provavelmente, ainda que a personagem não tenha assumido verbalmente a sua orientação, esta foi a primeira vez que a emissora tenha representado uma lésbica estereotipada. Outra novidade de 1981, no tocante a personagens gays, foi apresentada em *Brilhante*, de Gilberto Braga. Inácio Newman (Denis Carvalho) e Sérgio (João Paulo Adour) eram namorados. (COLLING 2007).

Faccini (2005) afirma que as novelas não ajudavam, para que digamos limpar essa imagem estereotipada dos homossexuais, principalmente dos gays. Os estereótipos continuavam a aparecer, personagens ligados para o lado da criminalidade e das drogas também eram abordados, ou seja, ainda na década de 1980, o modo como os homossexuais eram vistos nas telenovelas não contribuiu para uma construção da boa imagem do homossexualismo perante a sociedade. Mesmo em meio a toda luta homossexual por seus direitos desde os anos 1970, os homossexuais não eram tratados nas novelas e muito menos havia uma reflexão nesse contexto.

Em *Um sonho a mais*, de Daniel Más, três personagens se travestem e Ana Bela (Ney Latorraca) protagoniza o primeiro “selinho” entre pessoas do mesmo sexo nas telenovelas da Globo. Em *Roda de fogo*, de Lauro César Muniz, novamente temos dois personagens homossexuais vilões e assassinos, vividos por Cecil Thiré e Cláudio Curry. Outro gay assassino, Argemiro, interpretado por Carlos Augusto Strazzer, pôde ser visto em *Mandala*, de Dias Gomes. Em seguida, *Vale tudo* (de 16 de maio de 1988 a 6 de janeiro de 1989), de Gilberto Braga, contou com o casal de lésbicas Laís (Cristina Prochaska) e Cecília (Lala Deheinzelin). Com a morte da última, Laís fica com Marília (Bia Seidl). O casal era proprietário da pousada Amendoeira, em Búzios, e a relação era muito discreta, sem nenhuma manifestação explícita de carinho. Possivelmente, parte do público sequer percebeu que se tratava de um casal lésbico. (COLLING 2007).

Na década seguinte houve algumas mudanças, pois era o fim da era militar e início de certa liberdade quanto ao comportamento humano, principalmente na televisão no geral, já que agora teriam mais liberdade para lidar com os assuntos que julgavam pertinentes:

O cenário político e social dos anos 90, após o período militar, foi marcado pela restauração dos comportamentos humanos, que, por um momento foram submetidos à alteração. Essa restauração se manifestou principalmente no âmbito artístico. (PERET, 2005 apud SILVA; SANTOS; ANDRADE, 2014, p. 7).

Já no final da década de 1990, *Tieta*, de Aguinaldo Silva, inova ao contar com a presença da atriz travesti Rogéria, que interpretava as personagens Ninete e Waldemar. A participação da travesti Rogéria encarnando uma personagem também travesti não pareceu incomodar a opinião pública; ao mesmo tempo, a Justiça e a Igreja Católica estavam muito mais preocupadas com a relação entre *Tieta* e seu sobrinho Ricardo, seminarista que abandona a carreira. A telenovela foi um enorme sucesso de público e crítica (Peret, 2005, p. 91 apud COLLING 2007).

A partir dos anos 2000, a Globo consolida a estratégia de alternar personagens gays caricatos com a “narrativa da revelação” para aqueles em que pesam dúvidas sobre as suas orientações sexuais. Ao mesmo tempo, aumenta a intensidade e amplia espaço destes personagens nas tramas. (COLLING 2007).

Beleli (2009) diz que, nos últimos anos, algumas mudanças significativas começaram a aparecer na televisão aberta, especialmente nas novelas, que têm veiculado imagens diferentes das “caricaturas” antes predominantes, impulsionada pela visibilidade desses sujeitos. Ainda de acordo com Silva, Santos e Andrade, (2014) nos anos 2000 em relação às décadas anteriores, nota-se ainda algumas diferenciações bastante significativas nas representações desses personagens e a quantidade de personagens gays dentro das telenovelas aumentou drasticamente.

O evento da I Conferência Brasileira LGBT, convocada pela Presidência da República, em 2008, incentivou especialmente o aumento do volume de informação produzida. Os transexuais ainda ocupam a menor parte nesse volume. Nem sempre as abordagens da mídia são politicamente corretas, da mesma maneira que por diversas

vezes nos deparamos com comunicação pejorativa, assim reforçando o preconceito, estigma e discriminação (Félix 2014, p. 24.)

Nos últimos anos foi aberto ainda mais espaço para esses personagens, mas ainda sim pouco e estereotipado diante de outros assuntos que são explorados com mais naturalidade, como por exemplo, o racismo.

Mendes (2017) diz ainda que muita coisa mudou, que assuntos que eram tratados como tabu, são tratados com mais naturalidade outros nem tanto.

Outra característica que marca todas as personagens gays e lésbicas não caricatas é o fato de todos serem bonitos, bem sucedidos financeiramente e, na maioria das vezes, sabem se vestir muito bem, apreciam a arte, boas comidas e bebidas. Por isso, consideramos que uma outra representação esteja sendo construída pelas telenovelas, que precisa ser acrescentada às considerações de Adriana Nunan (2003, p. 100), que disse: “existem duas formas opostas, mas igualmente preconceituosas, de representação homossexual: a do homossexual violento e a do homossexual efeminado. Ambas as visões mostram a homossexualidade como algo exótico, bizarro, diferente ou anormal, procurando quase sempre alavancar os índices de audiência.” (COLLING 2007).

E isso afeta diretamente os homossexuais e o ambiente que vive que ainda tem pouca representatividade e esclarecimento na mídia, e quando tem sofre com a deturpação do assunto.

As noções de representação e representatividade são complexas e caras aos movimentos e minorias sociais. No regime de visibilidade em que vivemos hoje, ser vista é também uma forma de lutar por mais direitos e políticas de igualdade a fim de garantir a dignidade humana de grupos sociais, um dos papéis fundamentais da mídia é o espaço de visibilidade por excelência. (MENDES, 2017, p. 1)

O movimento LGBT luta contra essa falta de representatividade, mas sempre enfrenta preconceito e como minoria na maioria das vezes é vista da forma que a maioria acha que é o correto, e essa não é a realidade, já que como qualquer ser humano

o homossexual também tem suas tarefas diárias, estuda, trabalha como qualquer outra pessoa. E essa falta de representatividade fica mais evidente quando analisamos a quantidade de LGBT's que estão nos elencos das novelas.

Outra questão vem à tona, além de como são representados os personagens LGBTs: entre eles, quantos são interpretados por pessoas LGBTs? Quantas travestis estão no elenco da Globo, do SBT, da Band ou da Record? Quantos homens trans ocupam espaços de poder na mídia? Quantas lésbicas participam da produção do roteiro das telenovelas em que são representadas? Provavelmente, a resposta não se distanciará muito do zero. (MENDES, 2017, p. 1)

A questão aqui não é se os “diferentes” são ou não incluídos, pois a inclusão parece estar sendo feita, mas como as imagens são editadas de forma a não desestabilizar o *status quo* – como aconteceu com a inclusão dos “negros”. (BELELI, 2005 apud BELELI, 2009).

Ou seja, esta visibilidade alcançada também pode ser considerada fruto de um trabalho incessante dos movimentos gays e lésbicos espalhados pelo mundo, que romperam a barreira dos guetos e da invisibilidade e passaram a exigir mais respeito e seriedade. Apesar disso, Hall nos diz que “existe sempre o preço de cooptação a ser pago quando o lado cortante da diferença e da transgressão perde o fio na espetacularização” (idem, p. 339). Por isso, o que interessa ao autor são as estratégias culturais capazes de fazer diferença e de deslocar as disposições do poder. A presença de gays e lésbicas nas telenovelas, especialmente quando não representados de forma caricata e estereotipada, quando não ligada à criminalidade, como verificamos nas novelas da década de 70 e 80, obviamente tem contribuído para uma maior visibilidade e aceitação da orientação sexual homossexual. Ao mesmo tempo, isso ainda não tem se traduzido, efetivamente, em grandes ganhos e avanços que efetivamente farão diferença. De 1963 a 2002, o Grupo Gay da Bahia computou o assassinato de pelo menos 2.218 homossexuais no Brasil. A grande maioria das mortes estava direta e explicitamente associada com a orientação sexual da vítima (Mott e Cerqueira, 2003, p. 19). (COLLING 2007).

Entendemos que essa inclusão deviria ser feita com mais fidelidade, para não distanciarmos e diferenciarmos homossexuais de heterossexuais e a comunicação de forma correta é imprescindível.

“As comunicações são importantes não porque veiculem ideologias, mas sim porque, [...] de um lado fornecem as informações que colaboram para seu esclarecimento [...]” (RÜDIGER, 2001, p. 142 apud FÉLIX 2014).

A telenovela contribui para uma maior discussão e aceitação da homossexualidade na sociedade. Sabe-se que a intolerância alimentada durante séculos não será dissolvida tão rapidamente. Pelo contrário, assim como o preconceito racial, a negação do amor entre iguais permanecerá internalizada por mais algum tempo. (SOUSA 2009).

Para entendermos melhor esse contexto, algumas definições devem ser claras: Homossexualidade, Sexualidade e gênero.

2.1 Homossexualidade

Para explorarmos a imagem do homossexual na TV, devemos entender o que significa homossexualidade e quando esta definição foi criada e em qual contexto.

Ao analisarmos a criação das categorias “homem”, “mulher”, “heterossexual” e “homossexual”, tais como as conhecemos hoje, consideraremos apenas fatos ocorridos a partir do século XVIII. Isso porque as opiniões atuais sobre as diferenças entre os sexos foram construídas, pouco a pouco, nesse período. (JÚNIOR, 2004).

(...) Tornou-se possível imaginar que os seres humanos são ‘natural e originariamente divididos em dois sexos’, e, então, dar sentido a termos ou expressões como homossexualidade, heterossexualidade, ‘pessoas do mesmo sexo’ e ‘pessoas do sexo oposto’. (...) Nossa sexualidade atual, com seus tipos, famílias, gêneros e espécies, era simplesmente impensável e inconcebível em outras épocas. (COSTA, 1995, p. 18 apud JÚNIOR 2004).

Apesar do surgimento do termo homossexual ser do século XVIII, podemos entender o porquê de esse termo ser tão ligado a estereótipos negativos, já que desde seu surgimento tudo que era negativo era ligado ao homossexualismo.

Nesse sentido, uma breve revisão histórica do conceito de homossexualidade revela o quanto ele é determinada por noções forjadas pela filosofia, medicina, psiquiatria e direito. Revela ainda as formas pelas quais a ciência constrói ideias, causas e definições sobre essa orientação sexual. Assim, desde o século XVIII, a homossexualidade vem sendo considerada doença, vício, desequilíbrio hormonal, pecado, crime, imoralidade. Tais estereótipos só começaram a ser questionados a partir do surgimento, na década de 1970, do movimento homossexual organizado e de sua luta pela construção de uma “identidade gay” possível. (JÚNIOR 2004).

Segundo Júnior (2004), o próprio vocabulário da época confirmava esse raciocínio. Durante o século XVIII e até meados do século XIX, o termo corrente para designar pessoas homossexuais era a palavra “invertido”. Essa expressão sugeria que todo homossexual era portador de uma inversão sexual

O termo homossexual em si, foi criado depois, e foi desmistificado um pouco daquela imagem negativa e banalização dos séculos passados, mas com poucos estudos sobre o assunto, ainda tinha-se certo preconceito contra o termo e homossexualidade e o próprio indivíduo o homossexual.

De acordo com Vidal et al (1998, p. 7): O termo ‘homossexualidade’ foi introduzido por um médico húngaro no século XIX. Apesar de sua conotação clínica inicial, passou a significar a realidade humana total daquelas pessoas, cujo impulso sexual se orienta para pessoas do mesmo sexo. Na homossexualidade trata-se fundamentalmente do sentido global de um ser humano; a homossexualidade não é apenas, nem principalmente, um fenômeno sexual, senão a condição antropológica de um ser pessoal. O Homossexual é antes de tudo um ser humano, com uma condição e um destino perfeitamente humano, humanizante e humanizável.

O entendimento do termo homossexual mudou, mas ainda assim necessitava de mais estudo, deixou de ser somente um termo ligado ao sexo, imagem, mas sim ao ser humano como um todo.

O homossexual do século XIX tornou-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que é, no fim das contas, escapa à sexualidade. (...) agora o homossexual é uma espécie. Estudar o homossexual e suas patologias tornou-se indispensável a partir do momento em que o sexo, sua norma e seus desvios se transformam em elementos político e socialmente relevantes. (FOUCAULT, 1999, p. 43-44 apud JÚNIOR 2004).

FOUCAULT (199) apud Júnior (2004) conclui que surgiam nossas crenças “civilizadas” sobre o que seria a homossexualidade e, com elas, fundamentos para a manifestação de preconceito sexual, do modo como vemos hoje.

Assim podemos definir homossexualidade:

Segundo Lopes (2013), a homossexualidade refere-se à situação na qual o interesse e o desejo sexual dirige-se a pessoas do mesmo sexo. É uma das possibilidades verificadas de manifestação da sexualidade e afetividade humana.

Para entender melhor as relações homossexuais definiremos agora Sexualidade e identidade de gênero,

2.2 Sexualidade

Sexualidade está ligada vários fatores e diferentes abordagens que variam de acordo com concepções e crenças convenientes a cada um. Varia de um lugar pra outro e pode ser ou não tratado com preceitos preconceituosos ou não.

Muitas vezes se confunde o conceito de sexualidade com o do sexo propriamente dito. É importante salientar que um não necessariamente precisa vir acompanhado do outro. Cabe a cada um decidir qual o momento propício para que esta sexualidade se

manifeste de forma física e seja compartilhada com outro indivíduo através do sexo, que é apenas uma das suas formas de se chegar à satisfação desejada. Sexualidade é uma característica geral experimentada por todo o ser humano e não necessita de relação exacerbada com o sexo, uma vez que se define pela busca de prazeres, sendo estes não apenas os explicitamente sexuais. Pode-se entender como constituinte de sexualidade, a necessidade de admiração e gosto pelo próprio corpo por exemplo, o que não necessariamente signifique uma relação narcísica de amor incondicional ao ego. (FAVERO entre 2006 e 2018).

De acordo com Bearzoti (1993), o termo sexualidade é complexo, controvertido e difícil de conceituar, pois é alvo de tabus e normalmente comparado à genitalidade e reprodução, seu conceito depende do ponto de vista ou psicológico ou antropológico.

Sexualidade é um termo amplamente abrangente que engloba inúmeros fatores e dificilmente se encaixa em uma definição única e absoluta. Teoricamente, a sexualidade assim como a conhecemos, inicia-se juntamente à puberdade ou adolescência, o que deve ocorrer por volta dos 12 anos de idade (Art. 2º - Estatuto da Criança e do Adolescente). Entretanto, em prática, sabemos que não se configura exatamente desta forma. (FAVERO entre 2006 e 2018).

Bearzoti (1993) diz que sexualidade é energia vital instintiva direcionada para o prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada ao desenvolvimento psicológico e antropológico, ao erotismo, à procriação e à sublimação.

O termo “sexualidade” é relativo, pessoal e muitas vezes paradoxal. É um traço mais íntimo do ser humano e como tal, se manifesta diferentemente em cada indivíduo de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas pelo mesmo. (FAVERO entre 2006 e 2018).

Sexualidade é um aspecto central do ser humano durante toda sua vida e abrange o sexo, as identidades e os papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experimentada e expressada nos pensamentos, nas fantasias, nos desejos, na opinião, nas atitudes, nos valores, nos comportamentos, nas práticas, nos papéis e nos relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem todas são sempre experimentadas ou expressadas. A sexualidade é

influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, cultural, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2007, apud AMARAL, 2007).

A Sexualidade tem relação tanto com meio onde o indivíduo vive em todos seus aspectos, quanto na sua formação biológica:

A sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo". Compartilhando da posição de muitos outros estudiosos e estudiosas, ele fala da impossibilidade de se "compreender a sexualidade observando apenas seus componentes 'naturais' [...], esses ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais" (WEEKS,1993apud LOURO, 1997, p. 9).

E para finalizar essa definição de sexualidade:

A sexualidade está intimamente ligada a buscar do prazer e descoberta das sensações, como pessoas do mesmo sexo ou não com o objetivo de obter prazer e está ligada ao fenótipo e ao genótipo. Seja qual for sua visão sobre sexualidade a aceitação é fator primordial. Esclarecer as dúvidas, e sentir e suprir seus desejos amadurece sua sexualidade, gera conforto, evita os conflitos (que podem vir das dúvidas internas ou dos medos), gerando uma experiência positiva e saudável. (FAVERO entre 2006 e 2018).

2.3 Identidade de gênero

Sobre identidade de gênero temos várias definições que se completam, pois além de ser um assunto complexo, pode-se ter um entendimento errôneo do mesmo. Para entendermos o termo como um todo, definiremos por partes: primeiramente gênero, posteriormente identidade e para finalizar ambos.

O organismo dos seres vivos apresenta características estruturais e funcionais peculiares e distintivas entre os machos e as fêmeas. Gilbert, Hallet e Elldridge (1994), citados por Nogueira (2001), dizem que para classificar os indivíduos segundo a anatomia humana utiliza-se o termo sexo. Assim, um indivíduo é macho ou fêmea de acordo com os cromossomos expressos em seus órgãos genitais. Stoller (1993), citado por Oliveira e Knöner (2005), porém, procurou provar por meio de suas investigações que as características de gênero não são garantidas pela biologia, uma vez que muitos sujeitos apresentam características femininas ou masculinas em dissonância com sua anatomia. Já a palavra gênero designa, segundo o senso comum, qualquer categoria, classe, grupo ou família que apresente determinadas características comuns. Por exemplo, os filmes podem classificar-se de acordo com suas características em românticos, policiais, comédias, de ação, dramas, etc. Da mesma maneira, existem vários gêneros musicais: rock, samba, clássico, romântico. A palavra gênero, na arte, pode ainda designar estilos distintos: gênero dramático, gênero literário. (OLIVIERA e KNÖNER, 2005). A partir de 1975, porém, o termo gênero passou a ser utilizado nos estudos cujo objetivo era compreender as formas de distinção que as diferenças sexuais induzem em uma sociedade. Assim, gênero passou a constituir uma entidade moral, política e cultural, ou seja, uma construção ideológica, em contraposição a sexo, que se mantém como uma especificidade anatômica. (OLIVIERA e KNÖNER, 2005 apud PRAUN, 2011).

Após essa utilização da palavra gênero para distinguir e caracterizar os indivíduos, podemos entender melhor seu significado e acompanhar sua definição e evolução.

O termo gênero, classificação construída pela sociedade, contribui para exacerbar a distinção entre indivíduos de sexos diferentes. Essa classificação possibilita a construção de significados sociais e culturais que distinguem cada categoria anatômica sexual e que são repassados aos indivíduos desde a infância. (DEZIN, 1995, apud NOGUEIRA, 2001). Assim, o conceito de gênero abrange as “características psicológicas, sociais e culturais que são fortemente associadas com as categorias biológicas de homem e mulher”. (DEAUX, 1985, apud NOGUEIRA, 2001, p. 9). Para Gilbert, Hallet e Elldridge (1994), citados por Nogueira (2001, p.9), “gênero é, portanto, o termo usado no contexto social, podendo ser definido como um esquema para a categorização dos indivíduos (na perspectiva da cognição social) esquema esse que utiliza as diferenças biológicas como base para a designação de diferenças sociais”. O termo gênero é bastante complexo, o que permite que seja definido e redefinido. Heberle et al. (2006), citando diferentes autores, compreendem gênero como uma categoria distinta da oposição macho/fêmea estabelecida pela biologia, e socialmente construída, que permeia as interações sociais, uma vez que constitui parte da tecitura argumentativa dos sentidos. Essas autoras citam também Günthner (1998), para afirmar que a interação humana constitui um dos meios de construção da realidade social, da transmissão das estruturas sociais relevantes, bem

como da construção e da perpetuação das identidades sociais. (PRAUN, 2011).

O termo gênero definido até aqui referia-se principalmente a parte física, e era limitado então, ele passou a ter amplitude maior, referindo-se a todo um sistema de relações, e possibilitou, também, analisar as diferenças entre pessoas, coisas e situações vivenciadas. A utilização do conceito de gênero proporcionou o afastamento da ideia de determinismo biológico relativa ao sexo.

Louro (1997), citado por Oliveira e Knöner (2005), afirma que o conceito abrangia inicialmente as premissas concernentes às diferenças biológicas. Percebeu-se, porém, que essa forma de considerar o conceito de gênero o tornava limitado, uma vez que as características visíveis não permitiam a ampliação de seu significado, impedindo que fossem incorporadas as demais características. Para Scott (1990), citado por Oliveira e Knöner (2005), o conceito de gênero enfatiza todo um sistema de relações que, embora possa incluir o sexo, não é por ele determinado, nem determina diretamente a sexualidade. Dessa forma, o termo gênero não poderia expandir-se para outros contextos sem abranger um novo significado. (LOURO, 1997, citado por OLIVEIRA e KNÖNER, 2005).

A partir das críticas ao determinismo biológico e das críticas feministas do movimento da segunda vaga, na psicologia o conceito de sexo foi substituído pelo conceito de gênero, utilizado atualmente. Essa mudança política tornou-se importante porque deixa de compreender a diferença como determinada biologicamente, e por isso mesmo, imutável, passando a considerá-la do ponto de vista psicossocial e, dessa forma, como algo passível de mudança. (HOLLWAY, 1994, apud NOGUEIRA, 2001). É por meio do gênero que o sujeito se identifica. Dessa forma, a análise do sujeito se faz levando em conta o gênero em que ele está inserido. Para Azeredo (1998) citado por Oliveira e Knöner (2005), na psicologia, utilizar o gênero faz uma grande diferença, porque permite compreender o sujeito a partir da ideia que ele faz de si mesmo, como homem ou mulher. (PRAUN, 2011).

Sant'Ana (2010) complementa que identidade é cultural e não biológica; o sujeito não é mais um eu coerente; contradições identitárias pulsam dentro do indivíduo, fazendo com que ocorram identificações que estão sempre cambiando.

O conceito de identidade segundo Bauman (2005) é vista como um horizonte ao qual o indivíduo se empenha, se avalia, censura e corrige os seus movimentos, ou seja,

se define como sujeito. O mesmo autor ainda nos mostra que a identidade aparece como algo a ser inventada e não descoberta, ressaltando que o sujeito não nasceria com uma identidade pré-definida e sim iria construí-la ao longo de sua vida, sendo algo que ele compara a um “quebra-cabeça incompleto” onde sempre poderia ser acrescentada uma peça modificando o resultado da imagem desse sujeito ou acrescentando aquilo que falta.

Nenhuma identidade sexual — mesmo a mais normativa — é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada (BRITZMAN, 1996 apud LOURO, 1997, p. 14, grifos da autora).

Louro (1997) diz que é possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando em todos os seus aspectos. Os sujeitos tanto masculino como feminino, se arranjam, desarranjam, socialmente, psicologicamente, fisicamente.

Butler (2003) diz que as identidades de gênero abrangem a complexidade humana e devem fugir do binarismo “homem” e “mulher”. Existem pessoas com mais de um gênero, as transgênicas, as com gênero fluído, que abre a perspectivas para novas formas de ser.

A ideologia dominante, por meio de seu discurso construído, partilhado e difundido tanto em nível disciplinar como político, consegue manter uma ordem social que perpetua as desigualdades e o sexismo. Assim, é importante considerar a linguagem desse discurso como elemento fundamental da construção da subjetividade masculina e da feminina, e da manutenção das relações sociais e de poder, para que se possa teorizar a respeito da construção social do gênero. (NOGUEIRA, 2001 apud PRAUN, 2011).

Louro (1997) conclui que todas essas construções e transformações são transitórias transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também se transformando na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe.

Para ser ter noção de quanto à identidade de gênero está inserida em um indivíduo, estudos concluíram que, seria mais fácil mudanças físicas, que mudanças da personalidade formação social do indivíduo.

Estudos realizados por médicos e psiquiatras ao final dos anos 60 mostraram que mudar o sexo biológico de um indivíduo era mais fácil do que alterar o sentimento de masculinidade ou feminilidade que esse indivíduo possuía, ou seja, seu sexo psicológico. Os resultados desses estudos revelaram a autonomia da identidade psicológica em relação à anatomia fisiológica, conduzindo, assim, para a emergência do conceito de gênero. (AMÂNCIO, 2001, citado por OLIVEIRA e KNÖNEN, 2995 apud PRAUN, 2011).

2.4 Análise das Novelas

2.4.1 Núcleo 1: Amor À Vida

Autor: Walcyr Carrasco.

Exibição: 20 de maio de 2013 e 31 de janeiro de 2014.

Produção: Rede Globo.

Logo no primeiro capítulo da novela, Félix, o personagem principal da trama, mostra a que veio e do que é capaz em nome da ambição: joga a filha recém-nascida da

irmã em uma caçamba de lixo sem mostrar nenhum arrependimento ou piedade e ainda apelida a então sobrinha de “ratinha”, isso após abandonar sua irmã quase desfalecida em um bar após dar a luz.

O ator que representa o personagem Félix um homem casado com Edith representada por Bárbara Paz, com quem tem um filho Jonathan (Thales Cabral). Com um casamento de fachada, Félix formou aquela família para agradar seu pai César (Antônio Fagundes). Ele maltrata o filho que secretamente tem um caso com anjinho (Lucas Malvacine) às escondidas.

No decorrer dos capítulos, a ficha criminal de Félix só aumenta: superfatura contratos de fornecedores, roubando dinheiro do hospital da própria família para financiar um projeto; paga seu motorista, Maciel (Kiko Pissolato), para provocar um acidente e tirar Atílio (Luís Melo) de seu caminho, quase o levando à morte. O diretor financeiro do San Magno (hospital da própria família) descobre suas falcaturas e ameaça contar tudo ao pai (Antonio Fagundes); oferece ajuda para aplicar o dinheiro de Amarilys (Danielle Winits) no mercado financeiro e fica com toda a quantia, dizendo que a aplicação não deu certo; falsifica um exame de DNA que confirmaria, perante a Justiça, que Paloma é mãe de Paulinha (Klara Castanho); ajuda Ninho (Juliano Cazarré) e Alejandra (Maria Maya) a sequestrarem Paulinha; manipula para que a irmã, presa por tráfico de drogas após uma armação de Alejandra, seja taxada de desequilibrada e internada em uma clínica de psiquiatria, onde é maltratada com choques elétricos; rompe com o pai e consegue provas de que o pai é quem desviava dinheiro do hospital, conseguindo substituí-lo na direção do San Magno; entre outras ações nefastas.

O momento de glória de Félix não dura para sempre e ele é desmascarado, quando todos ficam sabendo que ele jogou sua sobrinha Paulinha no lixo. Após uma briga feia com Paloma, Félix, na frente de toda a família, desabafa seu ódio contra a irmã e o ressentimento por sempre ter se sentido rejeitado pelo pai.

César pai de Félix nunca demonstrou nenhum tipo de afeto pelo filho, e nunca o aceitou como ele era. No passado, César contratou uma garota de programa com medo que seu filho assumisse a sua homossexualidade, que por acaso é a Edith, com quem ele costumava se encontrar para se aproximar de seu filho. Os dois então se casaram.

Mais tarde na trama, Edith, cansada das traições de Félix com Anjinho, revela diante de toda a família que ele é gay e tem um amante. César não perdoa o filho, e a relação dos dois se abalam ainda mais, a ponto de o médico exigir que o filho reprima sua sexualidade se quiser continuar trabalhando no hospital.

Outro ponto alto da novela acontece quando Edith revela que Jonathan não é filho de Félix, mas de César. A essa altura, César já está separado de Pilar (Susana Vieira) mãe de Félix, e vivendo com Aline (Vanessa Giacomini). Edith é expulsa de casa, e vai embora com sua mãe, Tamara (Rosamaria Murtinho), mais uma golpista cujo interesse é arranjar um milionário. As duas administram uma boutique em um shopping. Edith, que já virara amante de Wagner (Felipe Titto), o copeiro da mansão de Pilar, continua se encontrando com ele.

Félix é expulso de casa por Pilar, passa a ser odiado por Paloma, e perde tudo o que tem. Menos o humor. Ele é acolhido por Márcia, à única que se dispõe a ajudá-lo, e passa a vender cachorro quente na Rua 25 de Março, com direito à camisa amarrada na cintura e flor vermelha no cabelo. Vira sensação com o bordão "Olha o hot dog do Félix! Vem que tem". Além disso, é obrigado a andar de ônibus e passar por humilhações na tentativa de conseguir um emprego a sua altura.

A nova realidade faz com que Félix descubra o que realmente tem valor na vida. Ele se afeiçoa a Márcia, a quem chama de brega, e se aproxima de Niko (Thiago Fragoso), com quem inicia uma grande amizade. Félix ajuda Niko a enfrentar as armações de Amarilys (Danielle Winits) para roubar seu filho, e os dois se transformam no mocinho e na mocinha da história, com direito a torcida do público para que o romance se concretize. Paralelamente, Pilar perdoa o filho e aceita que ele volte para casa, desde que procure todos que prejudicou e revele todas as suas maldades. E é o que ele faz.

A redenção de Félix também passa pela ajuda que ele dá a Paloma, entregando a ela o vídeo em que Mariah (Lúcia Veríssimo) inocenta Bruno (Malvino Salvador) da acusação de ter um caso com Aline. No vídeo, Mariah revela que tudo não passou de um plano de Aline para afastar Paloma do marido. Graças a Félix, Paloma e Bruno reatam. Em seguida, ele se une à irmã para tentar salvar o pai das garras da vilã Aline. Embora César insista em desprezá-lo – confirmando que tem vergonha por ele ser homossexual e chegando a dizer que preferia que ele, e não Cristiano (irmão de Félix)

tivesse morrido afogado –, Félix continua amando o pai, e faz o que pode para ajudá-lo. É Félix quem arma o plano para desmascarar Aline.

Nos capítulos finais da novela, para surpresa de todos, Edith revela que Jonathan é mesmo filho de Félix, e não de César, e que só havia mentido para se vingar do ex-marido.

Félix e Niko chegam ao fim da trama morando juntos em uma casa de praia, cuidando dos filhos Fabrício e Jayminho, e também de César, que Félix leva para morar com eles.

Figura 1 – Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso) se beijam em “Amor à Vida”



Fonte: (FINAL...,2014).

A novela “Amor à Vida” exibida em 2013 trouxe um personagem gay cheio de trejeitos, muito afeminado e com muito conceito de marginalização. O personagem Félix chamou atenção por ser a “bicha má” da trama, mas esse conceito de

marginalização não é positivo, já que estamos falando de um grupo que é excluído pela sociedade.

A novela alcançou muito pontos de audiência por causa do personagem principal, mas o grupo LGBT não teve uma boa aceitação já que o personagem era bem estereotipado (cheio de trejeitos, com movimentos femininos exagerados, mudanças no tom de voz ficando mais finos e altos), o que não é positivo diante a luta dos homossexuais perante a sociedade.

A novela foi escolhida porque o personagem principal foi todo estereotipado teve que aprender a lidar com todo esse turbilhão de emoções e mudanças sozinho, não teve o apoio dos pais e ninguém próximo a ele para orientá-lo como deveria seguir, e nem teve orientação para os pais. Era assim que os Gays e suas famílias eram vistos, como inferiores, maus, que não seguiam os moldes da sociedade.

Contudo a realidade não é somente essa, a mídia criou essa realidade retrógrada e a sociedade absorve todas essas informações e acredita que a forma certa de tratar um homossexual é assim. E pessoas mais críticas e não alienadas entendem que a saída não é essa, mas a maioria não. Nessa novela podemos notar que não havia, por exemplo, nenhum movimento a favor do público LGBT. O foco principal da novela era em cima do personagem Felix e de suas falcatruas.

2.4.2 Núcleo 2: Orgulho e Paixão

Autor: Marcos Bernstein

Exibição: 20 de março e 24 de setembro de 2018.

Produção: Rede Globo

Em “Orgulho e Paixão”, uma novela de época, o personagem Luccino (Juliano Laham) está descobrindo seus sentimentos. O mecânico beijou Mário, que na verdade é Mariana (Chandelly Braz) que se fingia de homem para poder andar de motocicleta, já que naquele tempo, mulher não poderia praticar esse tipo de função, nesse momento, pela primeira vez Luccino conseguiu demonstrar afeição por alguém. Entretanto, o rapaz entra em conflito ao concluir que não gostava de Mariana e sim do personagem que ela vivia o Mario, ele chega à conclusão que gosta de homens.

Durante a trama, Luccino descobre seus sentimentos por Otavio (Pedro Henrique Muller) e com o passar do tempo Otavio também desperta sentimentos por Luccino. E então os dois começam a viver um romance. Otavio que é capitão da policia cada vez mais apaixonado por Luccino faz uma proposta. Após Luccino ser expulso de casa pelos pais, o capitão irá procurá-lo e propor uma fuga. Ele afirma que deixara o exército para que eles possam começar a vida em outro lugar juntos. O mecânico Luccino fica tentado pela proposta, mas recusa o pedido.

Ernesto (Rodrigo Simas), irmão de Luccino, está de volta ao Vale do café. Ele e Luccino vão cedo tomar banho de cachoeira quando surge o assunto sobre amor. Ernesto pergunta a Luccino como vai sua dama misteriosa, ele responde que aquilo foi uma fantasia, uma bobagem e passou. Ernesto é insistente e tenta tirar informações sobre a tal moça por quem ele pensou estar apaixonado, nesse momento, Luccino abre o coração e revela ao irmão que não é uma moça. Ele argumenta e diz que se o irmão não quiser aceitá-lo ele vai entender, mas não vai mentir sobre o que ele é. Luccino então é interrompido, “Mamma mia, é calado como uma ostra, mas quando resolve falar, tagarela como um papagaio!”, brinca Ernesto.

Você me odeia? Tem vergonha de mim? Pergunta o mecânico assustado. A reação de Ernesto deixa Luccino emocionado ao responder: “Vergonha?! Incomum talvez! Mas basta deixar a ideia descer... Pronto! Desceu! Presta atenção: você é meu irmão... e é a melhor pessoa que eu conheço! Não deixe ninguém te diminuir por ser quem é. Ouviu? E nem dizer quem você pode e quem não pode amar. Isso é o coração da gente que decide. Só ele!”, finaliza.

Luccino e capitão Otavio decide então oficializar a união entre os dois, eles compram um par de alianças e passam a usar em um colar, já que naquela época não

tinha casamento homo afetivos, eles então decidem morar junto e cada um alugou uma casa, uma do lado da outra para viverem seu amor.

Os personagens representam um casal gay assim como na novela anterior, mas a abordagem da novela atual é mais natural. Os personagens não são cheios de trejeitos femininos como na novela anterior, não se percebe conceito de marginalização nos atores, o assunto parece estar sendo tratado com mais seriedade, e apesar dos personagens serem gays, os mesmos não agem de forma afeminada. São apenas dois homens, pessoas comuns que se apaixonam e querem viver um romance, tanto que houve o primeiro beijo gay exibido em uma novela das 18 horas. Na internet a reação foi positiva e os fãs da trama comemoraram a cena romântica.

Figura 2 - Juliano Laham e Pedro Henrique Müller beijam em 'Orgulho e Paixão'



Fonte: G1 (2018)

Essa abordagem diferente é muito positiva já que a luta pela classe LGBT é diária, e apresentar dois personagens homens como um casal sem estereótipos, mesmo a novela sendo de época, é importante o assunto ser tratado dessa forma nas telenovelas, já que vivemos em país onde mais se mata homossexuais no mundo, somos intolerantes às diferenças.

A escolha da novela se deu pela seriedade com que o assunto tem sido tratado, sem nenhum estereótipo ou conceito de marginalização. Não vemos um casal cheio de trejeitos e afeminados, vemos apenas dois homens apaixonados que lutam para viver essa paixão numa época cheia de preconceitos. Assim como na novela “Orgulho e Paixão” a novela exibida às 21 “Segundo Sol” traz também um casal de lésbicas interpretado por Nanda Costa e Carol Fazu. Nanda Costa uma das atuantes e lésbica assumida na vida real, e é muito positivo colocar um personagem para representar o público LGBT sendo da mesma classe.

3. CONCLUSÃO

A forma como a imagem do gay é explorada hoje mostra que houve mudanças gradativas.

Por muito tempo a homossexualidade nas telenovelas deu-se de forma estereotipada e está enraizada nessa construção e, por esse motivo, mesmo agora, ainda será difícil mudar a imagem do Gay na TV. As mudanças serão lentas e gradativas, mas está no caminho certo.

Sant'Ana (2010) mostrou que a fala e a gestualidade dá vazão à clara tentativa do autor da novela de alavancar audiência com personagens engraçados e debochados, e podemos encaixar isso na novela “Amor à Vida”.

O gay estereotipado e afeminado com trejeitos como mostrado na novela Amor à Vida aos poucos vai deixando de existir. Na novela “Orgulho e Paixão”, já se notam um casal mais casual, onde nenhum dos dois deixou a imagem masculina simplesmente por serem homossexuais.

A escola das duas novelas escolhidas se deu justamente para mostrar que a mídia está evoluindo, apesar de ainda serem poucas as mudanças, se compararmos quantas novelas foram feitas até hoje para alcançarmos um resultado próximo do desejado em relação à imagem do gay.

Evidencia-se dessa forma que a mensagem da telenovela não é unívoca. Pelo contrário, ela apropria-se do discurso social e o devolve em mais de uma representação. O público por sua vez a recebe e atualiza o conteúdo reiniciando o diálogo. Cabe agora verificar, como os atores sociais, representados nesse estudo pelos homossexuais, constroem sua fala sobre a homossexualidade a partir da telenovela. (SOUSA 2009).

Essas mudanças são importantes para mostrar que independente das escolhas sexuais, somos todos iguais e devemos tratar o assunto com naturalidade e seriedade, e não como um tabu social em que o gay tem que ser o malvado, o afeminado, a masculinizada, o criminalizado.

Apesar dos estudos já estarem acontecendo há quase um século devemos aprofundar mais no tema para desmistificar cada vez mais esta imagem estereotipada.

Temas que se enquadram atualmente nas questões de gênero, como os relacionados às diferenças sexuais, têm sido objeto de estudo da psicologia há quase um século. Questões psicológicas envolvendo raça e sexo estiveram abrigadas historicamente no campo da psicologia diferencial, por causa da dificuldade que esse tipo de variável representava para a perspectiva experimental. Na maioria das explicações psicológicas desse campo, preponderou o pressuposto biológico, considerando naturais as diferenças constitutivas dos seres humanos. (LAGO et al., 2008 apud PRAUN 2011).

Essa pesquisa requer um maior aprofundamento, para que a TV, mais especificadamente as telenovelas não seja somente uma mera transição do real para o fictício e sim ferramenta de conhecimento.

Imagine quantas vidas seriam poupadas ou quantas pessoas não poderiam ter suas visões de mundo ampliadas se a mídia optasse por representações mais humanizadas, inclusivas, focadas na construção de empatia entre os diferentes e não em publicidade ou lucro? Essa pode não ser a solução, mas certamente um caminho que a grande mídia brasileira poderia tomar, caso estivesse interessada em erguer uma sociedade que saiba reconhecer e conviver com diferenças (MENDES, 2017, p. 3).

REFERÊNCIAS

- A DIFERENÇA entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual. **Florence Livraria**. 2015. <<https://blog.livrariaflorence.com.br/identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/>>. Acesso em 25 de setembro de 2018.
- AMARAL, Vera Lúcia do. **Psicologia da educação: sexualidade**. Natal, RN: EDUFRN, 2007.
<http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Psicologia_Educacao/Psi_Ed_A13_J_GR_20112007.pdf>. Acesso em: 28 set. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2005.
- BEARZOTI, Paulo. **Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano**. Revista de Neuropediatria, Campinas, 1993. <<http://www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/24>> Acesso em: 27 set. 2018.
- BELELI, Iara. "Eles[as] parecem normais": visibilidade de gays e lésbicas na mídia. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 3, n. 04, 27, 2012. <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2299>>. Acesso em: 5 set. 2018.
- BERNSTEIN, Marcos. **Orgulho e Paixão**. Rede Globo, 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.
<<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2017/04/butler-problemasdegenero-ocr.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2018.
- CARRASCO, Walcir. **Amor à vida**. Rede Globo, 2014.
- COLLING, Leandro. **Personagens Homossexuais Nas Telenovelas Da Rede Globo: Criminosos, Afetados E Heterossexualizados**. Revista Gênero, v. 8, n. 1, p. 207 a 222, 2007.
<<http://www.cult.ufba.br/Artigos/Personagens%20homossexuais%20nas%20telenovelas.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- FACHINI, Regina. **Sopa de letrinhas: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2005.
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1232/facchini-regina.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 27 set. 2018.
- FAVERO, Cintia. **O que é Sexualidade?** InfoEscola Navegando e Aprendendo. [Entre 2006 e 2018]. <<https://www.infoescola.com/sexualidade/o-que-e-sexualidade/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FÉLIX, Macgyver Guilherme Corrêa. **Transexualidade na mídia: serviço ou desinformação?** Varginha, MG: Centro Universitário Do Sul De Minas - UNIS/MG, 2014.

FINAL de 'Amor à vida' tem primeiro beijo gay em novela da Globo. **G1**, 2014. <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/01/final-de-amor-vida-tem-primeiro-beijo-gay-em-novela-da-globo.html>>. Acesso em: 22 set. 2018.

JULIANO Laham e Pedro Henrique Müller comemoram beijo gay de seus personagens e 'Orgulho e Paixão'. **G1**, 2018. <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/09/13/juliano-laham-e-pedro-henrique-muller-comemoram-beijo-gay-de-seus-personagens-em-orgulho-e-paixao.ghtml>>. Acesso em: 22 set. 2018.

JÚNIOR, Jorge Luiz da Silva. **GUEI: nem comédia nem drama, um programa de TV contra o preconceito.** Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, 2004. <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/JSilva.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

LOPES, Patrícia. "**Homossexualidade**"; **Brasil escola.** 2003. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/homossexualidade.htm>>. Acesso em: 25 set. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. <<https://pt.scribd.com/doc/182155675/Guacira-Lopes-Louro-Genero-Sexualidade-e-Educacao>>. Acesso em: 25 set. 2018.

MENDES, Gyssele. **Representação de LGBTs na mídia: entre o silêncio e o esteriótipo por intervozes.** 2017. <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/representacao-de-lgbts-na-midia-entre-o-silencio-e-o-estereotipo>>. Acesso em: 25 set. 2018.

PRAUN, Andrea Gonçalves. **SEXUALIDADE, GÊNERO E SUAS RELAÇÕES DE PODER.** Revista Himus. 2011. <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahimus/article/view/1641/1302>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SANT' ANA, Thiago dos Santos de. Pet sounds – as bichinhas na praia dos beach boys: a homossexualidade na novela três irmãs. **VI ENECULT – Facom**, Salvador, UFBA, 2010. <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24666.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

SILVA, Lucas. SANTOS, Rayan. ANDRADE, Josefa Melo e Sousa Bentivi. A abordagem homossexual nas telenovelas brasileiras. **J Intercom**, João Pessoa, PB, 2014. <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1253-1.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

SOUSA, Francisco Maurício Holanda de. **Homossexualidade, Telenovelas e Sociedade.** Fortaleza, CE. Faculdade Evolutivo – FACE. Encontro Nacional de História da Mídia: mídias alternativas e alternativas midiáticas. 2009. <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro->

2009-1/HOMOSSEXUALIDADE-%20TELENOVELAS%20E%20SOCIEDADE.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

VIDAL, Marciano et al. **Homossexualidade: ciência e consciência**. 3. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1998. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=351-1BwxtLAC&pg=PA8&dq=homossexualidade+defini%C3%A7%C3%A3o&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjQ18y_69bdAhWHh5AKHbEqAWEQ6AEIMDAB#v=onepage&q=homossexualidade%20defini%C3%A7%C3%A3o&f=false> Acesso em: 25 set. 2018.